261 - primeira quinzena de março de 2002

Campus

Jornal Laboratório do Departamento de Jornalismo
Faculdade de Comunicação - UnB

www.unb.br/fac/campus
campus@unb.br

Esse filme todo mundo já viu

PEDRO BURGOS, COM ARTE DE MARIANA CERATTI

Comece retirando quase todos os policiais da área, deixando um convênio com a Polícia Militar sem renovação há um ano. Junte equipamentos quebrados, vigias despreparados e o descuido de alguns estudantes. Deixe o campus mal iluminado. O resultado: 560 ocorrências policiais dentro da Universidade de Brasília, de furtos em interior de veículos a seqüestros-relâmpago. Um verdadeiro filme de terror, que estudantes, professores e funcionários já estão cansados de assistir.

Pág.3

Mary *tipo* no *Campus*

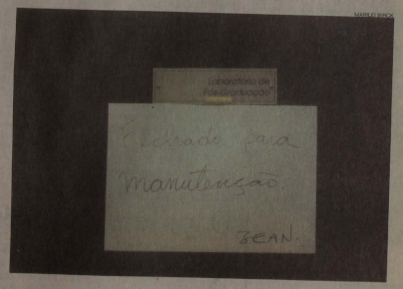
THIAGO SILVEIRA

Entrevistamos o ator Cláudio Falcão, que representa a Mary, a adolescente mais famosa dos palcos de Brasília. O irreverente Cláudio fala de sua personagem favorita e também mostra seu lado fora do palco aos leitores do *Campus*.

Pág.7

Nota dez, nota dois

NADIA DE BIDOC



Enquanto a graduação consegue notas "A", os mestrados de Estatística e Ciência da Computação receberam a pior menção dada pela Capes em sua avaliação. Em uma escala que vai de dois a sete, eles receberam o conceito dois. Se os cursos não melhorarem, podem ser fechados.

Pág.5

A "Lei Seca" é a solução?

As restrições ao funcionamento de bares que vendem bebidas alcóolicas nas cidades-satélites está reduzindo a criminalidade. Os resultados são tão animadores que a medida pode chegar ao Plano Piloto. Entenda o que é e como funciona a "lei seca".

Pág. 6

O que fazer com os prêmios?

Depois do artigo de um de nossos *ombudsman*, a Faculdade de Comunicação discutiu sobre o que fazer com os prêmios ganhos por alunos da UnB. Afinal, eles devem ir para os pesquisadores ou para a Universidade? Leia as opiniões sobre o tema.

Pág. 2

CARTA DO EDITOR

A relevância de um jornal

A universidade é um local para se aprender. Alunos, professores e funcionários trocam experiências e aprendem novas lições todos os dias. Esse processo é que faz da Universidade um meio fértil para o surgimento de idéias e para o aprimoramento profissional de seus estudantes. E o *Campus* não foge à regra. Como um jornal voltado para o público universitário, o nosso objetivo é aprender com nossos leitores, colegas e professores a fazer um jornalismo novo, relevante e atual. E também colaborar na construção de uma UnB cada vez melhor, por meio de reportagens que coloquem questões que necessitem de atenção da comunidade.

É este espírito que nos faz tratar do problema da segurança no campus. Faz um ano que a Universidade de Brasília e a Polícia Militar não possuem qualquer tipo de convênio. No mesmo período, o número de furtos em veículos cresceu 500%, laboratórios foram assaltados e o número de policiais que trabalham na segunda área com o maior número de ocorrências na Asa Norte caiu drasticamente. Para se ter uma idéia, apenas três policiais patrulham o campus durante a noite. Um assunto que parece nunca ser resolvido, mas que não sai da cabeça de quem a frequenta.

No entanto, problemas com segurança pública são a grande dor de cabeça de todo brasileiro, independente de sua posição social. O assunto merece destaque na agenda política e programas como a "lei seca" implantada em várias cidades-satélites do Distrito Federal, são apontados como soluções. Este jornal traz uma reportagem sobre esta iniciativa e faz questionamentos sobre a real eficácia da medida, que pode chegar ao Plano Piloto.

O possível fechamento de cursos de pós-graduação da UnB é outro ponto que merece destaque. Se o Ministério da Educação diz que a Universidade é nota "A", a Coodernação de Aperfeiçoamente de Pessoal e Nível Superior (Capes) está qualificando alguns cursos de pós-graduação com notas 2 e ameaça fechá-los. Uma desigualdade que exige providências por parte da comunidade acadêmica, que deve se mobilizar para a manutenção de um ensino público de qualidade. A UnB deve ser um centro de excelência para todos, e não apenas para alguns.

Por outro lado, erros da nossa parte também acontecem. Divulgamos erradamente uma nota sobre a AIESEC, e aí vão as nossas desculpas aos leitores do *Campus*. A versão correta da nota segue na seção *Erramos*. Admitir os erros é uma postura ética adotada por este jornal, que procura manter com seus leitores uma relação de transparência e confiança.

E, por fim, trazemos a público uma discussão levantada por um de nossos *ombudsman*: que destinação deve ser dada a prêmios ganhos por alunos da UnB? Deveria ser embolsado pelos alunos? Ou o dinheiro deveria ser reinvestido na Universidade? Talvez dividir o dinheiro entre alunos, professores e instituição fosse uma saída viável. Leia, nesta página diferentes opiniões sobre o tema, retiradas de um debate realizado na Faculdade de Comunicação com alunos, professores e os jornalistas do *Campus* que venceram, ano passado, o prêmio Líbero Badaró, da revista *Imprensa*. Tenha uma boa leitura.

HELDER NOZIMA
Editor-chefe do Campus 261

EXPEDIENTE

Jornal Laboratório do Departamento de Jornalismo
Campus Universitário Darcy Ribeiro
Faculdade de Comunicação
ICC Ala Norte - UnB
Caixa Postal: 04660
CEP: 70910-90 - Brasília/DF
Telefone: (61) 307-3059

Editor-chefe
Helder Nozima

Editorias
Opinião/Cultura - Amanda Rumalho
UnB - Camila Zamith
Panorama/Esportes - Simone Nogueira

Reportagem
Camila Zamith, Carmen Souza, Emerson Douglas, Felipe Freire, Julia Segatto, Louise Caroline, Mariana Ceratti, Priscilla Borges e Simone Nogueira

Fotografia
Louise Caroline, Mariana Ceratti, Marilei Birck, Pedro Burgos e Thiago Silveira

Diagramação
Luciana Azevêdo e Michelle Rocha

Direção de Arte
Mariana Ceratti

Ilustração
Paulo Fansette (Fone: 9963-0251)

Equipe Online
André Diniz e Emerson Douglas

Professores Responsáveis
Aglaé Lavoratti, David Renault, Márcia Marques, Marcelo Feijó e Zélia Leal

Colaboraram nesta edição
Gabriel Reis, Thaís Cieglinski e Weilton Máximo

Impressão
Correio Braziliense

Tiragem
5 mil exemplares

ERRAMOS

AIESEC não significa Associação Internacional dos Estudantes de Economia, como publicamos na nota *Intercâmbios Pelo Mundo*. E não tem significado, pois não é uma sigla. A AIESEC não está abrindo vagas para intercâmbios universitários, mas recrutando estudantes para trabalho voluntário.

PAULO FANSETTE

CARTA DO LEITOR

"Achei completamente infundado o artigo do *Ombudsman* da última edição do *Campus*.

O destino do dinheiro não é segredo para ninguém, porque o grupo não tomou posse dele "por baixo dos panos".

Venho falar de uma atitude que considerei até maldosa, não só por parte do *ombudsman*, mas da equipe de editores, incluindo os professores do *Campus*. Um dos membros do grupo me disse que uma doação nunca foi pedida (ou sequer sugerida!) a eles. Nunca se tocou no assunto com os ganhadores do prêmio. Não seria mais corajoso conversar com o grupo a respeito ao invés de atacá-los em uma veículo com tiragem de 5 mil exemplares sem que eles nem mesmo soubessem da opinião de vocês? E agora, respondo à sua pergunta, *ombudsman*. O destino do dinheiro, transformado em título do seu artigo, não é segredo para ninguém, simplesmente porque o grupo não tomou posse dele "por baixo dos panos". Ele está na conta bancária dos membros do grupo (se não já tiver tomado outro destino). E isso, acredito, não é vergonha para nenhum deles. É o justo".

NINA GUIMARÃES
(8º semestre - Jornalismo)

"Minha sugestão é que o Campus faça uma reportagem sobre os furtos que vem ocorrendo na UnB, em especial no Instituto de Geociências."

GRUPO ESPELEOLÓGICO DA GEOGRAFIA

"Meu nome é Luiz Eduardo Gouvêa e sou aluno da Engenharia Elétrica. Nos últimos dias, tenho ido estudar a noite na biblioteca da UnB e me sinto desrespeitado com a falta de iluminação e policiamento no estacionamento. Além de não ver o chão onde eu piso, ainda fica o medo de assalto. Peço que o Campus interceda por nós nessa questão na Reitoria, na CEB (para substituir as lâmpadas atuais por outras mais eficientes) e na Polícia Militar. Assim não dá... há anos que esse problema se arrasta. "

LUIZ EDUARDO GOUVÊA

Mande suas críticas, dúvidas, sugestões para a gente.

Interaja!

Envie um e-mail para:

campus@unb.br ou escreva

para a caixa postal: 04660

Brasília/DF

CEP: 70910-900

OMBUDSMAN

O polêmico prêmio em dinheiro

THAÍS CIEGLINSKI

Na última edição do *Campus*, a coluna *Ombudsman*, escrita pelo colega Rodrigo Oliveira, gerou uma série de discussões e questionamentos por parte de alunos e professores da Faculdade de Comunicação (FAC). Seis alunos de Jornalismo produziram a edição especial de 30 anos do jornal laboratório e conquistaram, ano passado, o prêmio *Líbero Badaró*. Como premiação, foi paga a quantia de R$ 6 mil, além de um certificado e um troféu.

Os estudantes decidiram que o dinheiro deveria ser dividido entre eles. Esse gesto motivou Oliveira a questionar a posição do grupo, uma vez que estudamos todos em uma universidade pública e que devemos dar algum tipo de retorno da educação que tivemos o privilégio de receber.

Assim que o jornal começou a ser distribuído, a repercussão foi tremenda. Os estudantes envolvidos e alvos da crítica da coluna foram até a redação do *Campus* questionar o teor do texto. Apesar de se tratar de uma discussão absoluta mente relevante, faltou a argumentação, um dos princípios mais elementares do Jornalismo. Não se procurou ouvir o outro lado. O texto tratou apenas das suposições do autor.

Diante da polêmica discussão, os professores do jornal decidiram organizar um debate para que todos pudessem expor sua versão do ocorrido. No último dia 21 de fevereiro, alunos, professores e envolvidos se reuniram no auditório da FAC para discutir a questão. Dois representantes do grupo do *Campus 30 Anos* estavam presentes, assim como os professores Márcia Marques e David Renault, alunos da FAC e o *ombudsman*.

Eles próprios admitiram que talvez devessem ter revertido uma porcentagem do que ganharam para a universidade ou para o jornal laboratório.

Otto, ex-aluno da disciplina *Campus* explicou que, mesmo antes de ganharem o prêmio, eles discutiram o que seria feito com o dinheiro caso ganhassem. Mas que decidiram ficar com a quantia, entre outras razões, porque não foram procurados por representantes da faculdade. E não foram procurados porque não há uma regra que determine o que deve ser feito com prêmios recebidos por alunos. No entanto, eles próprios admitiram que talvez devessem ter revertido uma porcentagem do que ganharam para a universidade ou para o jornal laboratório.

Em 1998, alunos da FAC conquistaram o Prêmio Ayrton Senna de Jornalismo, no valor de R$ 15 mil, e doaram o dinheiro para a compra de equipamentos para o *Campus*. O restante da premiação, uma passagem aérea para Nova Iorque, foi sorteada entre os alunos.

O debate passou a ter como mote a necessidade de se estabelecer normas para evitar problemas e constrangimentos futuros. Alguns alunos e professores destacaram a importância de lembrarmos que estamos todos em um universidade pública e gratuita, que devemos assumir uma postura de comprometimento, principalmente social. Vale lembrar que a UnB pagou todas as despesas da viagem, inclusive alimentação e transporte.

Várias propostas surgiram a partir daí. Uma delas, por exemplo, sugeria que parte do dinheiro fosse usada para pagar as despesas da viagem, outra revertida para a faculdade e uma terceira parte para os alunos. Também houve quem achasse interessante guardar uma parte do dinheiro para financiar novos projetos de alunos, dando oportunidade para que outros pudessem produzir materiais de qualidade tão boa quanto a do *Campus 30 Anos*.

O debate passou a ter como mote a necessidade de se estabelecer normas para evitar problemas e constrangimentos.

Não podemos esquecer que nós, alunos, fazemos um jornal laboratório e não um diário profissional, onde uma série de outras questões estão envolvidas. Não podemos seguir as mesmas regras, por conseqüência. Se um jornalista ganha um prêmio, fica com ele e nada dá à empresa em que trabalha. Não que os veículos de comunicação sejam bonzinhos, eles apenas encontram outras maneiras de faturar em cima do mérito e talento de seus funcionários. Talvez falte a nós a cultura de elogiar e comemorar o trabalho de nossos companheiros. Parabéns, colegas.

Sem polícia, nem luz, nem segurança

"O crime está chegando no campus", admite o chefe de segurança Josemar Rodrigues

FELIPE FREIRE

PEDRO BURGOS

A escuridão da área próxima ao ICC mete medo em quem precisa ir ao campus à noite.

A UnB é a vice-campeã em violência da Asa Norte. É mais seguro, por exemplo, deixar seu carro e caminhar pela Vila Planalto do que permanecer na área da Universidade. A liderança da criminalidade é do Setor Comercial Norte (SCN), que engloba locais de grande circulação, como o edifício Varig, o Brasília Shopping e o Liberty Mall.

Os números da 2ª Delegacia de Polícia Civil (2ª DP) sobre a UnB são alarmantes. Em todo o ano passado, mesmo com a greve, houve 231 furtos em veículos, 44 automóveis foram levados e duas pessoas foram vítimas de seqüestro relâmpago. Em comparação ao ano 2.000, a estatística da Diretoria de Segurança mostra um crescimento de mais de 300% no número de furtos em veículos.

"Esses dados exigem medidas urgentes", admite o diretor do Departamento de Segurança da Universidade, Francisco Joaquim de Souza. Entretanto, o convênio firmado entre a Reitoria e a Polícia Militar ainda não foi renovado. Há quase um ano as duas instituições se enrolam na burocracia para resolver a pendência.

Por isso, o pequeno contingente de 16 policiais para cuidar de mais de 31 mil alunos, professores e funcionários, ainda tem de ser dividido com Varjão, Lago Norte, Setor de Clubes, Asa Norte e Paranoá, áreas de responsabilidade do 5º Batalhão da PM.

A situação se agrava à noite, quando a iluminação precária favorece a ação de criminosos e o número de policiais cai para somente três. Além disso, os porteiros, treinados apenas para vigiar os departamentos e as salas de aula, receberam a orientação de fazer uma ronda noturna pelas dependências dos prédios. Portanto, eles são obrigados a deixar seus postos desguarnecidos durante pelo menos três horas.

Mas essa vigilância não impediu o roubo de computadores da 296, agência júnior de publicidade. Um prejuízo de aproximadamente R$ 6 mil, em uma sala que fica a menos de quatro metros de onde ficam os porteiros que fazem a segurança do prédio.

A situação se agrava à noite, quando a iluminação precária favorece a ação de criminisos e o número de policiais cai para somente três

Outro agravante da situação é a falta de recursos para manutenção de equipamentos. Falta, por exemplo, dinheiro para consertar as bicicletas dos PMs. Roda empenada e freios estragados são responsáveis pela redução ainda maior do efetivo policial dentro do campus.

O medo faz com que alunos, professores e funcionários redobrem os cuidados. Gabriela Makigussa, estudante de Letras - Japonês, por exemplo, recusa-se a ir à biblioteca à noite. "Fico com receio porque o caminho é muito aberto e muito escuro", reclama. "Alguém pode me arrastar e ninguém vai ver", imagina.

Gabriela fica chateada porque gostaria de freqüentar constantemente a biblioteca nos horários sem aula, mas não tem coragem. Quando falta algum professor, como aconteceu no dia em que foi entrevistada, fica dentro de sala lendo os textos do curso. Mesmo com tanto medo, a estudante nunca foi assaltada. E para que não seja, previne-se: "Eu não vou correr atrás para que alguma coisa aconteça comigo".

O chefe do Departamento de Filosofia, professor Samuel José Simon, acredita que o problema da segurança possa ser resumido em uma frase: "O valor que se dá à vida na UnB é muito pequeno". Samuel diz-se revoltado ao tratar da questão e acusa a Reitoria de descuido. "Eu já liguei para a Reitoria para reclamar da segurança e eles não estão nem aí".

Hamilton Rosendo Timbó, estudante de Matemática, é mais pessimista. "Eu não me sinto seguro em nenhum lugar do Distrito Federal", declara.

Possíveis soluções

A primeira alternativa para a melhorar a segurança seria a renovação do convênio entre a polícia e a instituição. O prefeito da universidade, Joaquim Arnoldo Pimentel, acredita que em poucos dias essa situação estará resolvida (vale lembrar que o acordo não é renovado desde março de 2001). Otimista, ele espera que o número de policiais destinados a fazer a segurança do local passe de 53, no ano passado, para 70.

O comandante da 1ª Companhia do 5º Batalhão da PM, responsável pelo policiamento dentro do campus, tenente Francisco de Assis Lucena, afirma que o aumento de efetivo certamente ajudará na atuação da polícia. Mas para ele, o melhor seria a disponibilidade de uma viatura ou de quatro motos exclusivas para fazer rondas.

O diretor do Departamento de Segurança, Francisco Joaquim de Souza, sugere também a retomada de um projeto polêmico e conturbado: a reposição dos portões nas entradas dos prédios, principalmente no *Minhocão*, como forma de inibir a ação de ladrões e vândalos.

Em todo o ano passado, mesmo com a greve, houve 231 furtos a veículos; 44 automóveis foram levados e duas pessoas foram vítimas de seqüestro relâmpago.

E para esquentar ainda mais a discussão, ele defende, assim como o coordenador de Segurança, Josemar Rodrigues de Albuquerque, que sejam colocados portões mais altos, "mais difíceis de pular". Contudo, eles admitem que a briga está praticamente perdida. "Quando instalaram os portões, os alunos chiaram, foi uma confusão", lamenta Josemar. Gabriela reclama da insistência da proposta. "O *Minhocão* não tem estrutura para receber um portão". E Hamilton completa: "Isso não vai resolver o problema, não".

Outra sugestão deles, já discutida, é proibir a realização de *happy hours* nos prédios da Universidade. Pelos dados apresentados por eles, as ocorrências provocadas por essas festas chegaram a 82 no ano passado. "Já teve *happy hour* que gerou prejuízo de quase R$ 6 mil", diz irritado, Josemar Rodrigues. De acordo com ele, a construção do Centro Comunitário foi feita justamente para os eventos programados pelos alunos, inclusive as festas.

Um aparente consenso entre alunos, funcionários e diretores é a necessidade de ampliar o projeto de iluminação. Para isso, a prefeitura já tem uma proposta pronta. O aumento do número de postes, principalmente nos passeios, custará R$ 200 mil aos cofres da instituição. Por que ainda não foi executado? Dois motivos foram apresentados.

O primeiro deles foi o racionamento, que impedia o aumento do consumo de energia elétrica. O segundo empecilho é a falta de dinheiro. De acordo com o prefeito do campus, a Reitoria não dispõe de verbas suficientes para implementar o programa. Apesar de estar no papel, o projeto é tido como uma possível solução, inclusive para o pessimista e desconfiado Hamilton. "Minha segurança são os meus olhos. E quanto mais claro melhor", conclui o aluno. Para resolver este problema, mais do que procurar novidades, talvez a saída esteja em velhas sugestões conhecidas de todos, como policiamento efetivo e iluminação.

PEDRO BURGOS

Corredores do Minhocão à noite: desertos e mal-iluminados.

Idéias roubadas

Scanners, HDs, arquivos: frutos do roubo na 296

CAMILA ZAMITH

Os integrantes da agência publicitária júnior da Faculdade de Comunicação, a 296, sentiram na pele o problema da falta de segurança no campus. No último dia oito de fevereiro, entre 9 e 12 horas da manhã, a sede da agência foi furtada. O prejuízo causado foi de quase R$ 6 mil. Não houve sinal de arrombamento, o que levantou suspeitas sobre os alunos. Somente eles possuem as oito cópias da chave do laboratório. "De forma alguma isso seria uma possibilidade", afirma o vice-presidente da agência, Daniel Souza Pinto, que cursa o 4º semestre de Publicidade, negando que o furto tenha sido cometido por estudantes.

A perícia apontou que o culpado entrou por uma janela basculante, que apesar de apertada, permitiu a passagem dos ladrões.

As torres de dois dos três computadores da agência foram desmontadas e removeram o HD de cada um. Foram roubados também uma gravadora de CD, dois *scanners*, compartimentos de CDs, um *zip drive*, e uma placa-mãe. A impressora foi o único equipamento que não foi desmontado.

"A culpa é da Universidade que parece não fazer nada de mais concreto para evitar esse tipo de ocorrência"

Apesar das perdas materiais, o dano maior foi a perda dos arquivos de trabalho, nas palavras de Daniel, "praticamente toda a história da 296". Os arquivos eram o resultado de um trabalho que foi feito ao longo de cinco anos, e que, talvez, poderá ser resgatado por meio de ex-integrantes da agência que os tenham guardado. Apesar disso, os membros da 296 se consideram em uma situação melhor do que aquela do Instituto de Geociências, que teve seus computadores roubados no ano passado, junto com quase 20 anos de pesquisa.

"Não podemos atribuir a responsabilidade aos porteiros, porque eles não são seguranças", afirma Daniel. "A culpa é da Universidade que parece não fazer nada de mais concreto para evitar esse tipo de ocorrência".

Depois do incidente, a agência pensa agora em fazer uma campanha sobre segurança pública. Daniel diz que essa iniciativa "é um papel nosso como estudantes para tomar atitudes dentro da UnB."

Porteiro policial

CAMILA ZAMITH

Edvaldo (nome fictício) trabalha como porteiro na UnB. Ele trabalha à noite e sua função é abrir as portas das salas de aula e tomar conta de equipamentos de seu departamento. Após a recente greve, ele ganhou uma nova função. Agora, todos os porteiros são obrigados a fazer ronda pelo campus. O problema que isto apresentou, explica Edvaldo, é que seu posto fica vazio durante três horas. Nas rondas, ele é acompanhado por dois outros porteiros, que caminham desarmados por locais com pouca iluminação. A única forma de se salvar de um possível ataque é correr ou se esconder.

Foi justamente isso que Edvaldo teve que fazer certo dia. Um grupo de dez alunos veio à universidade à noite e danificaram seriamente seu posto. As portas foram quebradas e eles tentaram arrancar as grades. Desarmado, a opção de Edvaldo foi entrar em uma sala de aula e esperar que eles fossem embora. Telefonar para pedir ajuda estava fora de questão, pois seu telefone não funciona.

Mesmo correndo riscos, houve uma melhora nos seus direitos trabalhistas. Há quatro meses, todos os porteiros foram contratados pela *Conserve Serviços*. Durante os quatro anos de contrato com a Universidade, eles prestavam serviços sem carteira assinada, direito a férias ou ao 13º salário, que, agora, irão receber.

A equipe do *Campus* procurou a empresa Conservo Serviços em Belo Horizonte para ouvir a opinião da firma sobre os direitos trabalhistas de seus contratados e a obrigatoriedade das rondas. Porém, não houve retorno por parte da administração, até o fechamento desta edição.

Cespe muda distribuição de sobras de fichas

Medida tenta acabar com as filas para trabalho em concursos, as quais entravam pela madrugada

MARIANA CERATTI

Fábio (à esquerda): filas só depois de convocado pelo Cespe

CARMEN SOUZA

Uma jaqueta jeans para afastar o frio, um walkman que espantar o sono e muita disposição em esperar por, no mínimo, oito horas. Esta era a rotina seguida pelos candidatos para trabalhar como fiscal em concursos promovidos pelo Centro de Seleção e Promoção de Eventos (Cespe). Desde que começou a estudar na Universidade de Brasília, Fábio Júnior Barbosa da Silva luta para completar a renda mensal de R$ 97,80." O dinheiro que ganho fiscalizando concursos é o que me mantém na Universidade", diz o estudante de matemática, que é um dos 2.455 alunos classificados como carentes pela Diretoria de Desenvolvimento Social da universidade.

Desde o último dia 22 de janeiro, no entanto, as noites mal dormidas na porta da Associação dos Alunos de Baixa Renda (AABR) chegaram ao fim. O Cespe modificou o método de distribuição das sobras de fichas para fiscais e chefes de sala. De agora em diante, as vagas não preenchidas passam a ser ocupadas pelas pessoas cadastradas nos números subseqüentes aos que foram convocados.

"Vamos minimizar os problemas para todo mundo. Agora não existem mais listas de espera e nem alunos virando a noite na universidade."

Para a diretora do Cespe, Romilda Guimarães, o sistema vai aperfeiçoar a relação da instituição com estudantes, professores e funcionários. "Vamos minimizar os problemas para todos. Agora não existem mais listas de espera e alunos virando a noite na Universidade." O método começou a ser aplicado no dia quatro de fevereiro. Nenhuma lista foi formada e ninguém precisou pernoitar na porta da AABR.

Fábio encara a alteração com uma certa desconfiança. "Quem virava a noite, realmente precisava do dinheiro. Agora, vou trabalhar bem menos", analisa. Em 2001, Fábio conseguiu trabalhar em oito concursos. Em três deles foi convocado. Nos outros, teve que virar a noite.

Como se cadastrar no Cespe

- Local: Gerência de Atendimento (mezanino da Ala Norte do Instituto Central de Ciências Minhocão)
- Documento exigido: original e cópia da carteira de estudante
- Horário de atendimento: das 9h às 19h de segunda a sexta-feira
- O Cespe tem 7.237 cadastros e convoca, em média, 12 mil pessoas por ano para trabalhar como chefes e fiscais de sala.

Filas continuam

MARIANA CERATTI

São cerca de dez horas da manhã de 18 de fevereiro. É o primeiro dia para que as mais de 2.000 pessoas chamadas pelo Cespe peguem as fichas que permitirão trabalhar como fiscais na 1ª e 2ª fases do Programa de Avaliação Seriada (PAS).

Não há notícia de quem tenha dormido na fila para garantir a vaga. Mas no mezanino do ICC Norte, milhares de pessoas se aglomeram, esperando a vez de serem atendidas. A fila quase chegou no Departamento de Letras e Tradução (LET).

Nem todos os guichês de atendimento estão ocupados. Fora da fila, cadeiras espalhadas, onde as pessoas já atendidas preenchiam seus papéis.

Fábio Júnior Barbosa da Silva, aluno de Matemática, entra no meio da fila para ser fotografado. Só para isso mesmo, uma vez que seu número de cadastro no Cespe não estava entre os selecionados. Já havia trabalhado na 3a fase do PAS. "Pelo outro sistema eu talvez conseguisse essa ficha. Eu trabalhava bem mais", diz.

O amigo Paulo Alberto dos Santos, de Geologia, teve mais sorte. Pega a ficha e logo está em um dos balcões, conferindo os dados da inscrição.

Uma certa impaciência era visível no rosto de cada um daqueles que aguardavam na enorme fila. Houve quem visse a reportagem do *Campus* e logo protestasse: "É isso aí, tem que fazer uma matéria mesmo, para mostrar a bagunça que isso continua", disse um senhor de cerca de 40 anos que, pelo jeito, iria passar um bom tempo até chegar a sua vez.

O Cespe, no entanto, argumenta que, se houve fila, foi por confusão que os candidatos a fiscais tiveram com o novo método de convocação.

"Teve gente pensando que era preciso chegar bem cedo, no primeiro dia, para pegar a ficha logo. Mas não é preciso. Afinal, ainda tem a tarde de hoje, e amanhã o dia inteiro para fazer isso", argumentou um funcionário do Cespe. A previsão era de que as filas diminuíssem à tarde.

MARIANA CERATTI

Candidatos se espremem para obter fichas do Cespe: atendimento precário

AABR de fora

Enquanto Fábio Júnior Barbosa da Silva questiona a eficiência da mudança promovida pelo Cespe, seu colega de quarto,o também estudante Crisanto Netto, não tem dúvidas que o novo método de distribuição de fichas vai beneficiar todos os cadastrados. "A convocação das pessoas vai fluir mais rápido. Alguns eram favorecidos porque tinham tempo e paciência para passar horas e horas nas filas de espera", diz o aluno do quinto semestre de Engenharia Civil.

O auge da disposição dos alunos em esperar por uma sobra de fichas ocorreu no início deste ano, durante a convocação de chefes e fiscais para o concurso da Polícia Federal. Os alunos começaram a se reunir na porta da AABR cerca de 20 horas antes da divulgação, por volta das 13 horas do dia anterior, da existência de vagas em aberto.

Outra mudança instituída pelo Cespe é que, a partir de agora, a AABR deixará de distribuir as fichas destinadas aos alunos dos grupos 1 e 2, classificados como carentes e semi-carentes, respectivamente. "Existiam denúncias de que as listas não estavam sendo obedecidas. Propusemos as mudança porque estávamos perdendo o controle. A Associação concordou", garante Romilda Guimarães, diretora do Cespe. Não é o que diz Gérson Andrade da Silva e Silva, diretor de divulgação da AABR. Segundo ele, a Associação sequer participou do processo de discussão da mudança. "Somos mais de 2.000 associados. As coisas não podem ser mudadas de uma hora para outra. Se só o Cespe controlar as fichas, qual será a garantia de que o processo será transparente?", questiona.

Gérson Silva promete que os associados devem promover manifestações contra a atitude "arbitrária" do Centro de Seleção e Promoção de Eventos (Cespe).

O Brasil em questão nos 40 anos da Universidade

Ciclo de debates começa com auditório lotado, reclamações e nenhum debate

EMERSON DOUGLAS

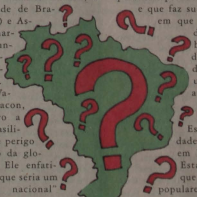
Ficou abaixo das expectativas o primeiro dia do ciclo de debates *Brasil em Questão*, evento promovido pela Universidade de Brasília, realizado no dia 20 de fevereiro. A começar pela capacidade do auditório Dois Candangos. O espaço não tinha condições de comportar as mais de 300 pessoas que compareceram ao evento. Mais de 70 pessoas tiveram que assistir à palestra sentadas no chão. O reitor Lauro Mohry prometeu que a próxima edição, dia 6 de março, seria em um local com maior capaciade.

O formato das discussões também não foi o esperado. Em vez de debaterem o tema, os palestrantes fizeram uma série de discursos, que não estavam necessariamente relacionados uns com os outros. Primeiramente, Mohry exaltou a importância de eventos que abordem os problemas do País. Após o discurso do reitor, cada um dos participantes falou por mais de 20 minutos, sem interrupções.

Além do reitor, participaram do primeiro debate os senadores Artur da Távola (PSDB-RJ) e Roberto Freire (PPS-PE) e os professores Vamireh Chacon, da Universidade de Brasília (UnB) e Aspásia Camargo, da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Para Vamireh Chacon, o primeiro a falar, a brasilidade corre perigo no âmbito da globalização. Ele enfatizou ainda que seria um "suicídio nacional" privatizar empresas estatais brasileiras do porte da Petrobras, do Banco do Brasil (BB) ou da Caixa Econômica Federal (CEF).

A segunda palestrante, Aspásia Camargo, preferiu enfocar o aspecto cultural da brasilidade. "Quando se bebe uísque, bebe-se Escócia. Quando se bebe cachaça, bebe-se Brasil", disse, enaltecendo a bebida brasileira, tida pelo governo brasileiro como um potencial produto de exportação e que faz sucesso nos países em que é comercializada. Ela criticou o bairro da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, como um exemplo de anti-brasilidade.



O bairro possui uma réplica da Estátua da Liberdade (o original fica em Nova York, nos Estados Unidos), que foi atacada por populares de uma favela próxima, fato visto por Aspásia como uma reação da brasilidade à americanização do bairro carioca.

Artur da Távola, líder do governo no Senado, fez um paralelo entre a situação político-econômica brasileira em 1970 e do Brasil atual. Observou que o regime militar trouxe crescimento econômico aliado a um processo de concentração de renda. Defendeu que o País, presidido por presidente Fernando Henrique Cardoso, é um "Estado socialmente necessário", um meio termo entre o Estado mínimo dos liberais e o Estado máximo dos totalitários O senador tucano finalizou dizendo que os três maiores problemas do país são "a inflação, a miséria".

Roberto Freire afirmou que é preciso ter cuidado com o sentimento nacionalista. Ele lembrou que governantes nazistas e fascistas usaram o nacionalismo para justificar a violência. E ainda observou que a noção de Estado-nação é algo recente, fruto da Revolução Francesa. O senador pernambucano revelou que sonha com o dia em que não haverá mais estrangeiros ou "barristas", "todos serão respeitados como seres humanos, independente da cor que tenham ou da língua que falem".

Calendário

Um dos pontos altos da comemoração de 40 anos da UnB é o ciclo de debates *Brasil em Questão*. Os alunos matriculados ganharão créditos de módulo livre, se comprovada a frequenciade 75%.

-Brasil No Mundo (6/3)
-Políticas de Distribuição de Renda (20/3)
-A infra-estrutura nacional (3/4)
-Saúde e saneamento básico (10/4)
-Educação, ciência e tecnologia (17/4)
-Cidadania, exclusão social e violência(24/4)
-Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e Amazônia (5/6)
-A diversidade regional brasileira (19/6)
-Reformas estruturais para o país (3/7)
-A universalidade brasileira (17/7)

Mestrados fechados para balanço

Mestrados da Ciência da Computação e de Estatística estão proibidos de abrir novas turmas

Camila Zamith
Carmen Souza

Uma universidade cheia de contradições. Enquanto a graduação da UnB recebe conceito "A" do Ministério da Educação (MEC), os mestrados de Estatística e Ciência da Computação sofrem com a nota dois, a pior menção dada na avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). O ensino de pós-graduação no Brasil é avaliado pela Capes,que descredenciou os dois cursos.

Para funcionar com o reconhecimento do MEC, um curso de pós-graduação precisa receber, no mínimo, o conceito três. A Capes observa anualmente as atividades desenvolvidas pelos mestrados e doutorados e de três em três anos divulga uma avaliação. Um dos principais itens analisados é a quantidade de publicações de professores e alunos. As notas variam entre dois e sete. Os resultados do último exame saíram em agosto último.

De acordo com a Ficha de Avaliação do Programa de Mestrado da Ciência da Computação da UnB, entre os anos de 1998 e 2000, a produção intelectual do corpo docente e discente foi "incompatível com a produção esperada de um programa de pós-graduação". O problema da Estatística é ainda pior. O Departamento recebeu a pior nota pela segunda vez. A razão apontada pela Capes se repetiu no último exame: publicações em quantidade e qualidade que não correspondem aos critérios determinados pelo comitê.

Devido ao mau desempenho obtido, os departamentos estão impedidos de abrir novas seleções de mestrado.

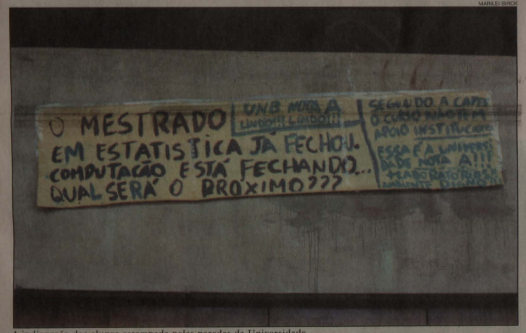
Devido ao mau desempenho obtido, os departamentos estão impedidos de abrirem novas seleções de mestrado. A Ciência da Computação tem até o próximo mês para apresentar um projeto de reestruturação do programa de pós-graduação para a Capes. A Estatística, que está com o mestrado desativado desde 2.000, já apresentou uma proposta ao MEC, que foi reprovada em janeiro deste ano. Para a Coordenadora de Acompanhamento de Avaliação da Capes, Rosana Arcoverde, os alunos matriculados no programa antigo não serão prejudicados com as reformulações. "Eles são protegidos pela legislação. As bolsas existentes serão mantidas e os novos conceitos não afetam os diplomas."

Não é o que pensa Geraldo Pereira de Souza. Há dois anos fazendo o mestrado em Ciência da Computação, ele acredita que a estrutura do Departamento afeta o desenvolvimento das teses e das aulas de graduação. "Não temos direito sequer a um auditório. Na hora da defesa de tese, uma sala de aula tem que ser esvaziada", conta. Outro ponto levantado pelo aluno é que a falta de incentivo à pesquisa, vai afastar os melhores professores da Universidade. A fuga de cérebros já está acontecendo. Segundo a coordenadora do curso de pós-graduação de Ciência da Computação, Alba Cristina de Melo, um professor já anunciou sua saída. "Se os bons professores estão abandonando o curso, os alunos saem prejudicados."comenta Atualmente, 14 professores estão no departamento.

MARILEI BIRCK

Geraldo Pereira da Silva (à direita) se preocupando com a condição dos laboratórios

MARILEI BIRCK



A indignação dos alunos estampada pelas paredes da Universidade

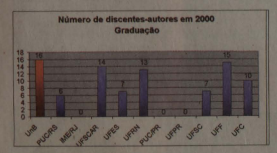
Falta de apoio

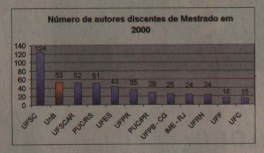
Assim que tomou conhecimento do descredenciamento, o Departamento da Ciência da Computação entrou com um recurso. Alguns itens foram reavaliados, mas o Conselho Técnico Científico (CTC) do Centro de Seleção e Promoção de Eventos (Capes) manteve seu parecer. Na Ficha de Avaliação do Programa, a justificativa da manutenção da nota é que "o desempenho (do curso) se encontra no limite mínimo de qualidade aceitável." Geraldo irrita-se com a situação: "A gente pega a ficha de avaliação e fica indignado. Se a própria Capes aponta que a Reitoria não se preocupa com o nosso curso é claro que nossas reivindicações não serão acatadas".

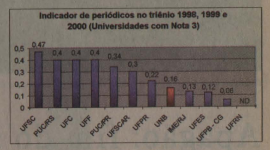
Segundo o decano de pós-graduação Norai Rocco, a falta de apoio institucional não aparece na avaliação da Capes. "A Universidade de Brasília sempre se preocupou com seus cursos", garante. No entanto, na Ficha de Avaliação o CTC lamenta a ausência de apoio da reitoria para o desenvolvimento do curso . Com relação ao projeto de reestruturação do mestrado da Computação, o impasse entre as partes é menor. A professora Alba Melo confirma que a elaboração da proposta conta com a assistência da Reitoria. O decano acredita que, sendo apresentado um projeto dentro dos padrões estabelecidos, "não haverá problemas na aprovação". Mas Geraldo teme que as modificações não passem de uma farsa. " Não queremos que só o nome do curso seja modificado. Queremos mais! É vergonhoso termos professores de nível internacional ocupando salas que são verdadeiros cubículos, e que não são arejadas."

Enquanto a Ciência da Computação afirma contar com suporte institucional, o Departamento de Estatística diz não ter o mesmo privilégio. "Nosso laboratório de graduação tem apenas dez computadores. E o de pós nem existe mais. Percebo que houve uma falta de empenho da reitoria para reverter nosso caso junto a Capes", esclarece Ana Maria Vasconcelos, chefe do Departamento.

Mesmo desanimada com a rejeição do projeto de reestruturação, Ana Maria garante que os professores estão empenhados na formulação de uma nova proposta. Apesar de rebaixado pelo Ministério da Educação, o curso, segundo a professora, sempre foi reconhecido pelo mercado: "Diariamente recebo ligações de pessoas interessadas em nosso mestrado. Chegamos no fundo do poço. Agora é hora de descobrir nossos pontos fortes e fazer um novo projeto",planeja Ana Maria. Caso a reestruturação não seja bem sucedida, além do descredenciamento, o curso pode fechar. Só que desta vez, será de modo definitivo.







Lupa

Assassino de João Cláudio preso

Marcelo Gustavo Soares, principal acusado da morte do estudante de publicidade João Cláudio Leal, vai continuar preso. O Supremo Tribunal Federal (STF) negou o pedido de *habeas corpus* impetrado pelo advogado de defesa de Marcelo, Raul Livino. O advogado da família da vítima, Paulo Ramalho, defende que o assassinato de João Cláudio é um caso de homicídio duplamente qualificado, cuja pena varia de 12 a 30 anos de prisão. Livino, ao contrário, sustenta que o caso deveria ser tratado como lesão corporal seguida de morte, cuja pena varia de 4 a 12 anos. João Cláudio foi morto em agosto de 2.000, ao sair da boate Music Hall,na 411 Sul. Marcelo continua preso no Núcleo de Custódia, aguardando julgamento.

Fórum Social

Estudantes terão a oportunidade de saber o que foi discutido no Fórum Social Mundial. O evento aconteceu entre os dias 31 de janeiro e 5 de fevereiro deste ano em Porto Alegre e reuniu cerca de 60 mil pessoas. Os representantes da Universidade de Brasília no Fórum querem realizar palestras e debates sobre o tema. O professor Rodrigo Dantas, do Departamento de Filosofia, disse que a idéia ainda está sendo analisada e conta com o apoio do Decanato de Extensão. Ainda não há nenhuma data definida para o início das atividades. A expectativa do professor é que os trabalhos aconteçam entre os meses de março e abril. A partir das discussões, os organizadores do evento esperam um aumento no interesse dos alunos pela área social.

Lúcio Costa

Ainda vivo nos traços de Brasília, Lúcio Costa completaria 100 anos de vida no dia 27 de fevereiro deste ano.Nascido em Toulon, na França, Lúcio Costa é reconhecido por ter esboçado em 1957 as ruas da nova Capital Federal. O criador das asas do Plano Piloto e do plano diretor básico da Universidade de Brasília (UnB) era um defensor de sua obra. Em 1987, apresenta um trabalho entitulado *Brasília Revisada*, em que pede ao governo que preserve as quatro características básicas de sua obra: monumental residencial, gregária e bucólica. No ano de 1989, o urbanista recebe o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Brasília. Lúcio Costa morreu em junho 1998, em sua residência na cidade do Rio de Janeiro (RJ).

Ecoturismo

Estão abertas até o próximo dia 22 de março as inscrições para a seleção do curso de pós-graduação *lato sensu* em Ecoturismo, que está sendo promovido pelo Centro de Excelência em Turismo da UnB (CET). Serão 45 vagas, voltadas para profissionais do setor turístico, servidores públicos ligados à questão ambiental, funcionários ou voluntários de organizações não governamentais (ONGs), graduados em áreas afins, interessados e nas palavras do CET, "cidadãos preocupados com os problemas do meio ambiente". Trata-se de uma ótima oportunidade para se qualificar em um dos ramos de negócio mais promissores do Brasil atual. Para se inscrever, os interessados devem procurar o CET (tel:307.2941). Serão doze meses de aula, sempre às terças, quartas, quintas-feiras (das 19h às 22h30) e, também, algumas vezes aos sábados (das 8h às 12h). O pagamento pode ser efetuado em uma entrada mais doze parcelas (1+12) de R$400,00.

Toque de recolher no Distrito Federal

"Lei Seca" fecha bares às dez da noite e tenta diminuir a insegurança

LOUISE CAROLINE

A chamada "lei seca", que limita o horário de funcionamento de bares, quiosques e *traillers* que vendem bebidas alcóolicas, está provocando polêmica no Distrito Federal. A diminuição da violência, maior objetivo da lei, esbarra no possível argumento do desemprego, resultado das portas fechadas dos estabelecimentos. Cidades com maior índice de criminalidade são o alvo da determinação. Paranoá é a primeira no *ranking*, seguida de Planaltina e Ceilândia. De acordo com a Secretaria de Segurança Pública, entre as 22h e 3h, as ocorrências criminais aumentam entre 30% e 40%. Esse também é o horário de maior consumo de álcool. Como a embriaguez tem participação em 50% dos crimes, a "lei seca", combateria a violência.

O coronel Vítola, coordenador de Comunicação Social da Secretaria de Segurança Pública, afirma que a lei tem caráter preventivo, mas a comunidade deve participar: "O egoísmo é a mola-mestra da criminalidade. Tem que haver um envolvimento de toda a sociedade para reduzir a violência".

Segundo o coronel, os comércios perto de residências não foram feitos para vender bebidas alcóolicas. Além disso, *traillers* e quiosques sequer foram autorizados a fazer esse tipo de venda. Mas a "lei seca" é criteriosa na definição dos estabelecimentos nos quais será aplicada. Antes de qualquer coisa, é realizada uma reunião com a associação comercial da cidade para discutir os limites da lei. O coronel disse que não há resistência dos comerciantes. "Para eles é interessante disciplinar o horário, porque o cliente deixa de freqüentar o bar quando a criminalidade está em alta. Cada caso vai ser analisado".

A ronda diária nos bares da Ceilândia feita pelo 8º Batalhão Militar

Como a embriaguez é responsável por 50% dos crimes, a "lei seca", em tese, combate a violência.

A "lei seca" está em vigor em 14 cidades satélites. É feito, inicialmente, um levantamento dos bares e quiosques que vendem bebidas alcóolicas. Os que funcionam em área residencial são fechados às 22h e os das áreas comerciais ficam abertos até as 2horas. São interditados todos que não possuem alvará de funcionamento ou tenham ocorrências de prostituição, venda de drogas ou armas.

Nos estabelecimentos onde há maior incidência de brigas e crimes, o "toque de recolher" é garantido pela polícia. Na Ceilândia, todos os dias o 8º Batalhão da Polícia Militar faz uma ronda nos bares e quiosques. Duas equipes executam o trabalho. Cada equipe conta com 12 policiais e um grupo de seis fiscais da administração. Segundo Gilberto Alves, comandante do 8º Batalhão, as ocorrências caíram 60% depois que a Portaria, que determinou a "lei seca" foi baixada.

"O egoísmo é a mola-mestra da criminalidade."

Adelôr Alves, morador de Ceilândia, é a favor da "lei seca". "Essa lei vai fazer com que os policiais circulem mais na cidade. Só a presença da polícia na rua inibe a violência".

De acordo com Elizabeth Borges, diretora de Fiscalização de Obras e Posturas, muitos estabelecimentos podem ficar abertos até mais tarde. "Todos devem ter alvará. Neste documento é xiste o horário de funcionamento, e o horário deve ser é respeitado". Segundo Elizabeth, a "lei seca" não vai prejudicar os comerciantes locais.

Mas os donos de bares não pensam assim. Gasparina, dona de bar na 403 Norte, não acredita na eficácia da Lei. "Não é por aí que teremos segurança. Eles vão comprar bebida durante o dia e ingerir à noite".

O Sindicato dos Hotéis, Bares e Similares do Distrito Federal (Sindhobar), não apresentou posição contrária à "lei seca". Jeová de Morais Júnior, vice-presidente da entidade, declarou que é preciso pensar de forma mais abrangente. "Existe um interesse maior, coletivo, que é o combate à insegurança". De acordo com ele, haverá uma redução de 20 mil empregos no DF, mas que serão encaixados na expansão do setor de turismo.

O coronel Vítola falou que, em março, a "lei seca" vai funcionar no Plano Piloto, ajudando a diminuir a violência. Porém alguns freqüentadores de bares discordam. Para Felipe Sampaio, estudante de Medicina da UnB, a "lei seca" não é a melhor saída para combater a violência. "Diminui, mas não é a solução".

Os números mostram que fechar as portas dos bares, mesmo sob protestos dos donos, reduziu a violência: onde a lei foi aplicada, os crimes diminuíram em 32%. Agora é só esperar para conferir se no Plano Piloto a "lei seca" vai ser implantada.

LOUISE CAROLINE

Estabelecimentos que não atendem aos critérios da lei são interditados

Baculejo na *CEI*

No dia 7 de fevereiro, acompanhamos a ronda comandada pelo tenente Souza Machado em Ceilândia Norte. A equipe sai da Administração Regional às 22h percorrendo ruas e becos. Os fiscais verificam os documentos do estabelecimento e a polícia faz uma revista pessoal, o "baculejo", buscando armas e drogas. Para justificar a irregularidade e enganar a equipe, teve bar onde os clientes simularam um aniversário. Não adiantou, o parabéns foi cantado enquanto os policiais militares acabavam com a *festa*. Só naquela noite, 12 estabelecimentos foram fiscalizados. Os bares e quiosques tiveram mesmo as portas baixadas pela PM, que assegurou o respeito à "lei seca".

Al Capone

Gangster de Chicago, Al Capone consagrou-se como figura mais conhecida na época da "lei seca". A lei surgiu nos Estados Unidos, em 1920, proibindo as bebidas alcóolicas. Não deu certo. O tráfico garantia o fornecimento de álcool e Al Capone, *reinava* no crime organizado. Mas o império do *gangster* só desmoronou quando ele foi preso por sonegação fiscal. O policial federal Elliot Ness foi o responsável pela prisão. A "lei seca" perdurou por quase 14 anos e inspirou o filme *Os Intocáveis*. Nas telas, Robert de Niro interpretou Al Capone e Kevin Costner viveu Elliot Ness.

Apagão: fim do sufoco

O racionamento acabou depois de nove meses de sacrifícios

SIMONE NOGUEIRA

O racionamento de energia chegou ao fim no último dia 28 de fevereiro. A iluminação pública já havia sido liberada em 24 de janeiro. Foram nove meses de economia.

Apesar de todos os investimentos, quem acabou com a crise foi São Pedro e, principalmente, o empenho da população, que cumpriu as metas impostas pelo governo. Os níveis dos reservatórios atingiram a curva máxima de segurança na segunda quinzena de fevereiro.

No entanto, não há motivo para tanta comemoração: as contas de luz devem subir mais de 20% até o fim do ano. Os primeiros reajustes acontecerão em março ou abril nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. No Distrito Federal, o reajuste será em agosto.

O presidente Fernando Henrique, ao fazer um balanço do racionamento, disse: A crise energética no Brasil aconteceu por falta de chuvas e também por causa do modelo estratégico de fornecimento de energia que foi reavaliado. "Houve erro na concepção do modelo, mas a matriz básica continuará a ser hídrica. O novo sistema de controle dos reservatórios e as usinas termelétricas vão garantir o abastecimento."

De acordo com o diretor de Engenharia e Arquitetura da Prefeitura do Campus, João Carlos Nogueira de Castrilho, a UnB fez a sua parte: "A Universidade cumpriu todas as metas de racionamento." A economia foi de 1,2 milhão kilowatts/hora, o que representa aproximadamente um mês e meio de racionamento. Antes do racionamento de energia a economia feita equivalia a 36 dias, ou seja, 950 mil kilowatts/hora.

Parte da iluminação e algumas centrais de ar condicionado foram desligadas durante o apagão. Até o fim do mês, todos os postes deverão ser acendidos e cerca de 200 mil reais serão gastos para aumentar o número de postes em toda a Universidade.

No Brasil, existem hoje 22 hidrelétricas e 32 termelétricas. O Nordeste depende do rio São Francisco, que teve a pior seca da sua história no ano passado. Foram acrescentados 2.700 megawatts em termelétricas na região Nordeste.

O maior problema é que não se pode confiar somente na s chuvas. Entre 1995 e 2001, o governo de FHC acrescentou 17.400 megawatts à oferta de energia, aumentando-a para 75 mil megawatts em todo o Brasil. Em 2002, haverá um acréscimo de 9 mil megawatts e em 2003, o aumento será de 11 mil megawatts.

Paulo Fernando

Ziraldo relança o humor de *O Pasquim*

Maior jornal alternativo do Brasil novamente põe em xeque a realidade político-social brasileira

JULIA SEGATTO

Depois de quase 20 anos fora de circulação, *O Pasquim* volta às bancas. O responsável pelo retorno é o cartunista Ziraldo Alves Pinto, 69 anos, criador do *Menino Maluquinho* e um dos fundadores do periódico. A primeira edição do jornal, que foi às bancas no último dia 19 de fevereiro, teve tiragem de 120 mil exemplares e foi distribuída em todo o território nacional.

O semanário *Pasquim 21*, como passa a ser chamado, não é exatamente a continuação do antigo. "É um novo jornal, um jornal do futuro, do século 21, e não do passado", afirma Ziraldo.

Os anos 70 foram difíceis para a sociedade, a política e a cultura. Na época, jornalistas e humoristas criaram a imprensa alternativa, principal espaço de protesto e resistência contra o regime militar. Junto com jornais como *Opinião* e *Movimento*, *O Pasquim* venceu o silêncio imposto pela censura prévia do Ato Institucional nº 5.

Caricatura do Ministro José Serra publicada na 1ª edição de *O Pasquim 21*

REPRODUÇÃO

Ziraldo, o idealizador do novo jornal alternativo: "*Pasquim 21* é protesto com diversão"

Ao usar o humor como principal arma, o periódico teve um alcance muito maior do que os outros jornais. "Quem lia *Opinião* e *Movimento* era essencialmente politizado, enquanto o humor das charges e caricaturas de certa forma interessava todo mundo", esclarece José Luiz Braga, autor do livro *O Pasquim e os anos 70*.

Com o fim do regime militar esperava-se que a imprensa alternativa crescesse na mídia nacional. Mas "na verdade, essa imprensa quase desapareceu", informa Braga. Anos depois, ela ressurgiu com a revista Bundas, que circulou em 1999 e 2000. Segundo Ziraldo, ainda há espaço para um grande jornal brasileiro de humor. "Neste final de século os jornais viraram produtos industriais, como um sabonete ou um automóvel, e deixaram de ser veículos de idéias. Mas ainda existem pessoas que querem fazer um jornal de idéias", garante ele.

> *"Neste final de século, os jornais viraram produtos industriais e deixaram de ser veículo de idéias"*

Assim como a *Bundas*, o novo jornal enfatiza as críticas políticas, mas não pretende cometer os mesmos erros da revista. A decisão pelo nome *O Pasquim 21*, por exemplo, evita associações erradas do título da publicação com seu conteúdo, comuns à *Bundas*. "O leitor que queria ver crítica política não comprava uma revista chamada *Bundas*, e aquele que queria ver bundas não gostava de revista política", brinca Ziraldo.

A *Bundas* afastava também os anunciantes, preocupados com ligações entre seus produtos e o nome da publicação. Esse problema, segundo o cartunista, foi contornado no *O Pasquim 21* com a ajuda de especialistas em *marketing*. "Temos um departamento de propaganda, estamos fazendo visitas a agências de publicidade e temos por objetivo fazer um jornal bonito, que não seja xiita nem amargo. É protesto com diversão", explica.

O novo Pasquim deve ainda abrir espaço para uma nova geração de humoristas e desenhistas. "Você vai ver os melhores caricaturistas do mundo", empolga-se Ziraldo, ao citar os cartunistas Rossi, Dálcio e Jean. Enquanto a nova turma será responsável pelas inovações do jornal, Ziraldo e outros veteranos coordenarão a publicação somente até seu primeiro aniversário. "Nós, os velhinhos do jornal, seremos defenestrados (jogados pela janela) antes que *O Pasquim 21* faça um ano", ressalta.

Ziraldo confessa que *O Pasquim 21* será uma oposição à realidade política-social de hoje. "É como diz o *slogan*: '*Hay gobierno, soy contra*'", resume. Ele define a essência do novo jornal e relembra estratégias do antigo veículo de oposição à política de 1970 em uma única frase: "nós somos a favor de tudo que é o contrário do que está aí."

REPRODUÇÃO

Antigo *O Pasquim*

ENTREVISTA - TIPO CLÁUDIO FALCÃO

JULIA SEGATTO

Cláudio Eduardo Falcão Graça Filho, 30 anos, ficou conhecido no teatro brasiliense por interpretar personagens femininos hilários como Berenice (a mineira), Mary (a *tipo* adolescente) e Gorete (a nordestina). Cláudio Falcão gosta tanto do que faz que, às vezes, até se confunde e imita, sem perceber, os trejeitos da personagem que mais gosta de interpretar, "A Berenice, sabe?".

Filho de atriz, o comediante começou a carreira aos 14 anos numa peça infantil. Depois fez metade do curso de teatro do Dulcina e aulas de expressividade durante 6 meses na *Mime School* em Amsterdã, Holanda.

Durante as peças, arranca gargalhadas da platéia com sua irreverência. Fora dos palcos, Cláudio Falcão é bem diferente: sério e até um pouco rude. Mas foi pensando no talento do ator, que o *Campus* fez com ele essa entrevista.

THIAGO SILVEIRA

Cláudio Falcão faz sucesso com Mary, Berenice e Gorete. Mas quer também experimentar papéis diferentes da comédia.

> *"Eu adoro fazer mulher. Adoro andar de salto alto. Vocês têm uma liberdade de movimentos que nós homens não temos"*

CAMPUS- Por que a preferência por interpretar mulheres?

CLÁUDIO- Eu já fiz homem uma vez, o Coaracy, sabe? Ele era namorado da Berenice. Mas eu adoro fazer mulher. Adoro andar de salto alto. Não tenho dificuldade, é impressionante (risos). Eu me sinto superlivre assim, sabe? Vocês têm uma liberdade de movimentos que nós homens não temos. Se uma mulher quiser virar agora e fazer assim (desmunheca), ela pode e fica tudo bem. Agora se eu virar e fizer assim (repete a pose) ...Bom...

CAMPUS- Como você consegue o figurino das peças?

CLÁUDIO- Tem coisa que eu pego da minha irmã, tem coisa que o James (produtor) compra em brechó. Porque a Mary usa umas roupinhas de lascar!

CAMPUS- Qual personagem mais marcou sua carreira?

CLÁUDIO- Com certeza foi a Mary, que faço desde 1992, porque ela teve mais empatia com o público.

CAMPUS- Em quem você se inspirou para compor a Mary, a adolescente cheia de gírias?

CLÁUDIO- Eu queria uma coisa que fosse a cara de Brasília, né? E eu acho que a Mary é muito parecida com as adolescentes da cidade. E na época que a criei, minha irmã estava na adolescência e falava muito *tipo*, sabe?

CAMPUS- Você pretende interpretar a Mary, Berenice e Gorete por quanto tempo?

CLÁUDIO- Até quando o povo encher o saco (risos). Deus me guie para que meu cérebro me ajude a criar outro personagem, porque eu não quero parar de fazer teatro. Me considero capaz de fazer outras coisas que não sejam só personagens cômicos.

CAMPUS- Você também sonha em ir para as telinhas da Globo?

CLÁUDIO- Ah, não chega a ser um sonho, né? Mas, assim, eu não vou recusar, de jeito nenhum.

CAMPUS- Por que convidar outros atores (Madelon Cabral, Madelene Cabral e Similião Aurélio) para suas peças?

CLÁUDIO- Olha, esses atores começaram comigo no grupo de teatro *A Culpa é da Mãe*. São pessoas que eu tenho muita empatia em cena, sabe? Mas ao mesmo tempo que gosto de interagir com um elenco, gosto de ficar só. As duas coisas são grandes exercícios para mim.

CAMPUS- Por que você abandonou *A Culpa é da Mãe*?

CLÁUDIO- Deu uma vontade de virar bailarino e resolvi entrar na companhia de dança *Alaya*. Fiquei dois anos afastado do teatro, e não gostei. Daí, tentei voltar mas não me aceitaram.

CAMPUS- Você ainda gostaria de fazer parte de um grupo?

CLÁUDIO- Não, não tenho vontade de participar de um grupo fechado. Gosto muito de ter essa liberdade, já me acostumei. Essa participação que a Madelon e a Madelene estão fazendo comigo agora é um elenco formado para um único trabalho. Mas não se trata de um grupo.

CAMPUS- É difícil conseguir apoio e patrocínio?

CLÁUDIO- Olha, acho que tenho um karma com patrocínio, é muito difícil conseguir. Mas mesmo assim não consigo deixar de fazer teatro. O único apoio que eu tenho é do meu produtor e da Rádio Transamérica, onde apresento um programa pequeno às segundas-feiras e outro diário.

> *"Vou interpretar Mary, Berenice e Gorete até quando o povo encher o saco. Deus me guie para criar outro personagem"*

CAMPUS- Vários atores de fora da cidade reclamam do preço do aluguel do Teatro Nacional. Os atores locais têm algum privilégio em relação a isso?

CLÁUDIO- Não. O Teatro Nacional tem um período (de dezembro a março) com isenção de taxa. No resto do ano, a gente paga 10% da bilheteria na Martins Pena. Na Villa Lobos não sei, eu só fiz uma vez por lá e a gente estava com isenção de taxa. No restante dos teatros a gente paga o aluguel

Competições universitárias

UnB é favorita na maioria dos esportes

PRISCILLA BORGES

As primeiras Olimpíadas Universitárias de Brasília (OUBsb) irão começar na segunda quinzena de março. As Olimpíadas vão substituir os Jogos Universitários do Distrito Federal, que foram extintos. A competição é uma etapa seletiva para os Jogos Universitários Brasileiros (JUB`s).

A UnB é favorita em oito das 14 modalidades olímpicas: atletismo, handebol, karatê e natação; basquete e xadrez masculinos e futsal e judô femininos. Em 2001, a Universidade levou o primeiro lugar nessas categorias.

Um dos maiores destaques da UnB nos JUB`s é a equipe de natação masculina, bicampeã no evento. Além disso, a UnB é uma das instituições com o maior número de atletas inscritos no campeonato. A afirmação é do chefe do Serviço de Esporte e Lazer, Júlio Verstiani.

Desde 1999, as instituições vencedoras das disputas regionais representam os estados na competição nacional. Antes dessa data, as seleções reuniam estudantes de diversas faculdades, escolhidos pelas federações estaduais. A mudança segue os moldes americanos do esporte universitário e cede à pressão das universidades particulares. Elas fazem muitos investimentos na área e querem mais destaque.

Recursos escassos

A falta de verbas para investir no esporte dentro da Universidade não é novidade e tem afetado o desempenho das seleções, de acordo com o coordenador de Prática Desportiva da Faculdade de Educação Física, William Passos. Para o professor, a crescente profissionalização de muitas modalidades nas faculdades privadas mostra essa carência. A UnB perdeu o favoritismo em categorias como o vôlei masculino. A equipe da Uneb é a única participante de Brasília na primeira divisão do campeonato nacional de vôlei, a Superliga.

A insuficiência de recursos impediu a realização dos JUB`s do ano passado no Distrito Federal. A verba existente foi utilizada para mandar equipes para o *Universiade*. O evento, que aconteceu na China, reúne atletas universitários do mundo todo.

A mudança segue os moldes americanos do esporte universitário

A Associação Atlética Acadêmica da Universidade de Brasília (AAAUnB) tem buscado, sem muito sucesso, patrocínios para os jogos. Segundo a presidente da AAAUnB, Juliana Andrade, os patrocinadores querem uma garantia que a entidade não pode dar: divulgação de produtos dentro do campus. Somente a prefeitura da UnB tem permissão para conceder essas autorizações.

Fique ligado nas datas

OUBsb
Treinos
Começaram no dia 18 de fevereiro e os competidores foram escolhidos nessa etapa
Competições
De 16 de março a 5 de maio
Modalidades
Atletismo, basquete, capoeira, futsal, handebol, jiu-jitsu, judô, karatê, natação, pólo aquático, tênis, tênis de mesa, voleibol e xadrez.

JUB`s
Inscrições
Os vencedores da OUBsb serão os participantes das competições. De 6 a 14 de junho
Local
Maceió/AL
Modalidades
Atletismo, basquetebol, natação beach soccer, futsal, judô, handebol, karatê, voleibol, tênis de mesa e vôlei de praia.

JIUnB`s
Competições
As competições dos Jogos Internos da Universidade de Brasília vão acontecer entre os meses de julho e setembro, mas ainda não têm calendário completamente definido.
Modalidades
Também ainda não foram escolhidas.

Fonte: AAAUnB

Bola da Vez

Esportes no CO para a comunidade

A Faculdade de Educação Física está oferecendo cursos para a comunidade. Os interessados podem escolher entre 11 categorias: frevo, kung fu, natação, basquete, pólo aquático, capoeira, escalada, tênis, tai chi chuan, aikidô e dança do ventre. As mensalidades variam entre R$ 20,00 e R$ 70,00. Inscrições devem ser feitas na Coordenação de Extensão e Atendimento Comunitário. Mais informações no telefone 307-2250, com Anísio.

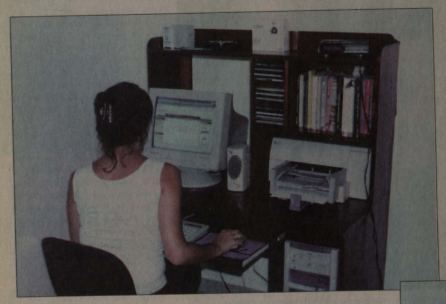
Triatlon feminino leva medalha de ouro

A equipe brasileira de triatlon feminino levou a medalha de ouro do Mundialito de Fast Triatlo, com 120 pontos nas três provas (natação, atletismo e ciclismo). A competição, realizada no mês passado em Santos, reuniu 18 atletas de seis países. Na segunda posição, ficou o time canadense e, na terceira, o dos Estados Unidos. A brasiliense Mariana Ohata é uma das integrantes do trio, além de Carla Moreno e Sandra Soldan. Carla ficou em segundo lugar na disputa individual, seguida de Sandra. A campeã foi a canadense Carol Montgomery.

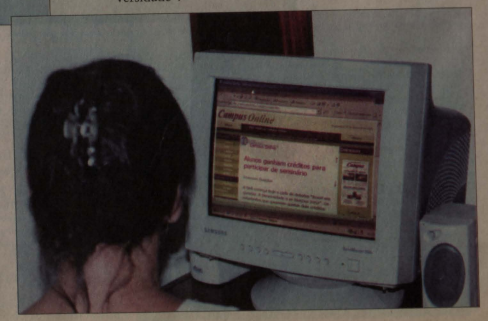
Ainda tem seleção pior que a nossa

O Brasil pode não estar jogando o futebol dos sonhos do povo, mas ainda mete medo em muita gente. As seleções da Colômbia e do Chile se recusaram a disputar um amistoso com o Brasil no dia 7 de março, em Cuiabá. O motivo: o medo de passar vexame. A única corajosa que se dispôs a enfrentar o Brasil foi a Islândia.

DE DOMINGO A DOMINGO EU ESTOU NO *CAMPUS*



"Eu quero estar bem informada e atenta a tudo o que acontece, por isso acesso todos os dias o *Campus Online*, o site do jornal laboratório da Faculdade de Comunicação da UnB. É um site dinâmico e informativo, criado por alunos de Jornalismo. Lá eu encontro entrevistas, fotos, matérias sobre cultura, humor, mídia, entre outras coisas. Também tenho acesso à versão impressa do *Campus*, além de notícias quentinhas do que acontece no mundo e, mais importante, na minha universidade".



É por isso que eu não saio do *Campus* Online, e você?!

Campus Online

www.unb.br/fac/campus

Anúncio roduzido por alunos da turma de Redação para Publicidade Impressa 2º/2001.